





LELÉ EM ABADIÂNIA: ARQUITETURA, POLÍTICA E TECNOLOGIA

LELÉ IN ABADIÂNIA: ARCHITECTURE, POLITICS AND TECHNOLOGY

  Adalberto José Vilela Junior
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil
adalberto.vilela@ufu.br

  Eurípedes Afonso da Silva Neto
Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil
euripedes.a.s.neto@gmail.com

Resumo

Este artigo faz uma incursão pela passagem do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé (1932–2014) por Abadiânia-GO e discute suas implicações. Apesar de breve (1982–84), este período em Goiás se mostrou crucial para o arquiteto e sua carreira, sobretudo para o desenvolvimento da produção industrializada que se seguiria. O objetivo é ampliar o debate acerca dos propósitos políticos, sociais, econômicos e tecnológicos que circundaram Lelé neste momento, mostrando que a experiência de Abadiânia não se restringiu à elaboração e produção dos protótipos pré-fabricados para as famosas Escolas Transitórias. A pequena cidade goiana também foi palco de uma mudança profunda na maneira de Lelé em encarar os rumos da própria arquitetura e suas relações de produção. Neste contexto, além de recuperar o papel de pessoas chave para o desenvolvimento do projeto sociopolítico e religioso encabeçado no município, duas obras produzidas pelo arquiteto são trazidas para análise por suas contribuições ao tema: uma residência e um viveiro de plantas. Longe do imaginário modernista da pré-fabricação total, estas obras aproximam Lelé não apenas da teoria crítica de Sérgio Ferro e do grupo Arquitetura Nova, mas de um saber construtivo típico da arquitetura vernacular goiana dos séculos XVIII e XIX, onde, por meio de um trabalho simples, coletivo, em escala menor, mais artesanal e menos mecanizado, as relações de produção no canteiro se alteraram em prol de uma arquitetura participativa e emancipatória.

Palavras-Chave: Lelé. Abadiânia. Arquitetura. Política. Tecnologia.

Abstract

This paper looks at architect João Filgueiras Lima's (1932–2014) time in Abadiânia-GO and discusses its implications. Although brief (1982–84), this period in Goiás State proved crucial for the architect and his career, especially for the development of industrialized production that would follow. The aim is to broaden the debate about the political, social, economic and technological purposes that surrounded Lelé at this time, showing that the Abadiânia experience was not restricted to the design and production of prefabricated prototypes for the famous Transitory Schools. The small town in Goiás was also the scene of a profound

change in Lelé's way of facing the course of his own architecture and its production relations. In this context, besides convening the roles of key people for the development of the socio-political and religious project headed in the town, two works produced by the architect are investigated for their contributions to the theme: a residence and a plant nursery. Far from the modernist imaginary of total prefabrication, these works bring Lelé closer not only to the critical theory of Sérgio Ferro and the Arquitetura Nova group, but to a constructive knowledge typical of the vernacular architecture of Goiás in the 18th and 19th centuries, where, by means of a simple, collective, smaller, more artisanal and less mechanized work, the production relations on the construction site were altered in favor of a participative and emancipatory architecture.

Keywords: Lelé. Abadiânia. Architecture. Politics. Technology.

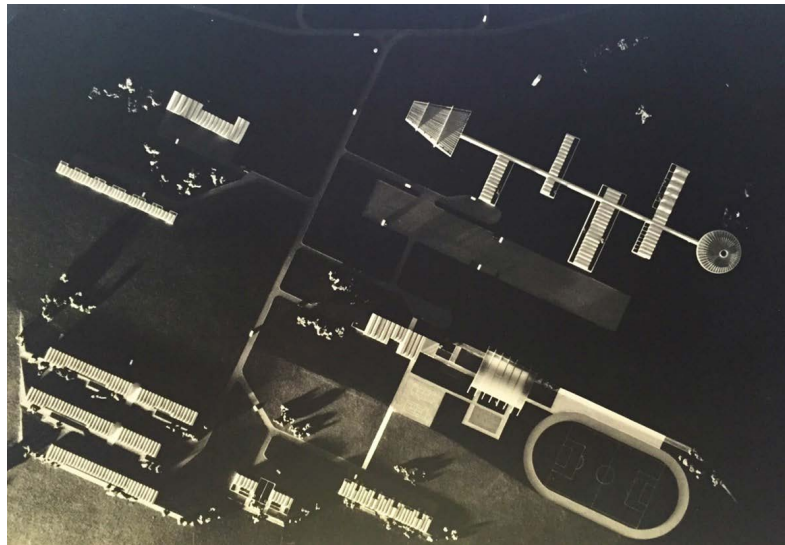
Lelé: arquitetura e política

No final da década de 1970, o Brasil atravessava um período de ajuste e reorientação estratégica das vias econômica e política. O processo gradual de retorno à democracia durante os últimos anos da ditadura militar (1974-85) custou caro aos cidadãos brasileiros. A dívida externa excessiva, aliada a uma inflação crescente e a uma grave recessão econômica, levou a crises na política (convulsões no seio do comando militar), indústria, comércio e em muitos outros setores de uma população cada vez mais insatisfeita (SANZ; MENDONÇA, 2017). Sob a direção do General do Exército Ernesto Beckmann Geisel (1974-79), o ciclo de crescimento econômico extraordinário (Milagre Econômico) iniciado em 1968 revelou-se insustentável, apesar dos investimentos significativos em infraestrutura no período.

Com sede em Brasília, o escritório de arquitetura de Lelé neste momento não parecia afetado pela turbulência econômica e política, considerando seu crescente número de projetos encomendados por entidades tanto do setor público quanto da iniciativa privada. A esta vasta gama de clientes se seguia uma variedade de técnicas construtivas implementadas pelo arquiteto, tais como a utilização de vigas de concreto protendidas no Hospital Sarah em Brasília (1976-80), cascas de concreto no Centro de Aperfeiçoamento do DASP (Brasília, 1973-77), abóbadas de tijolo na residência Nivaldo Borges (Brasília, 1972-78), e algumas experiências pré-fabricadas como a casa Mário Kertész (Salvador, 1977) e o Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado (Embrapa) em Brasília (1978). É importante destacar que o desenvolvimento destes projetos acontecia no momento em que Lelé reduzia deliberadamente a estrutura administrativa e os custos do seu escritório em Brasília, após algumas perdas acumuladas. Por mais contraditório que possa parecer, o grande número de projetos em curso durante a década de 1970 não impediu o arquiteto de enfrentar problemas financeiros no seu escritório. A conhecida inaptidão de Lelé para os negócios (LIMA, 2004:65), aliada à perseguição política que o rondou durante os anos mais duros do regime militar podem ter

contribuído para este desfecho, como lembrado pelo arquiteto: “De certa forma, fui discriminado pela revolução. Não consegui nada, até mesmo conseguir um emprego na empresa de construção foi bastante duro. Não fui proibido de viver no exílio, não fui preso, mas fiz parte de um grupo marginalizado durante o período após Castello Branco” (LIMA, 2004:63).

Figura 1- Projeto para o Centro de Aperfeiçoamento do DASP em Brasília.



Fonte: Instituto João Filgueiras Lima (2016)
Vista aérea do conjunto a partir da maquete física

Em clara referência aos efeitos da fase mais repressiva da ditadura (1968-74) na sua obra, Lelé descreveu uma situação de tensão entre governos de direita e arquitetos de esquerda (tais como Oscar Niemeyer, Edgar Graeff, Glauco Campello, Carlos Fayet, Mayumi e Sérgio Souza Lima, Elvin Dubugras, e o próprio Lelé). No entanto, seria ingenuidade dizer que os militares sempre visaram os arquitetos e que estes se encontravam em permanente oposição ao governo. De fato, “a ditadura brasileira (1964-1985) não tratou de modo particularmente cruel os arquitetos – concedeu-lhes a mesma mistura de perseguição ideológica e mediocridade que reservou a outras categorias profissionais” (MARKUN, 2014).

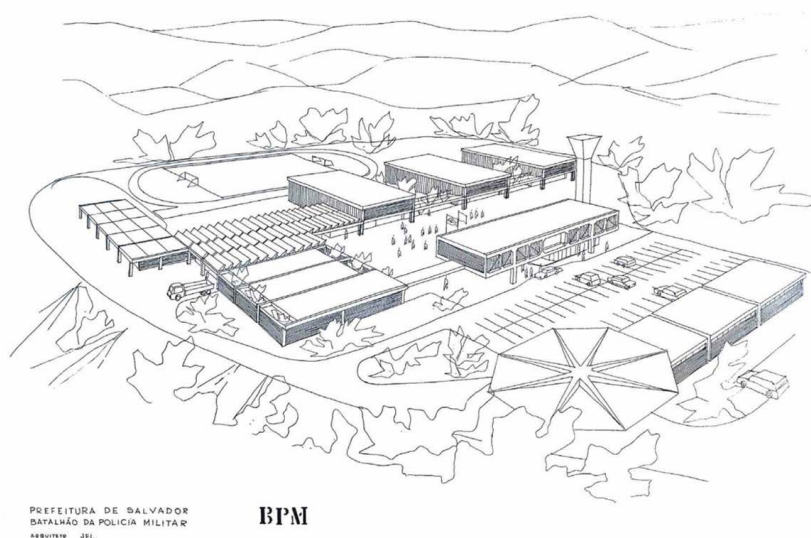
Apesar de compartilharem ideologia e pautas políticas tradicionalmente associadas à esquerda, alguns arquitetos – incluindo Niemeyer e Lelé – colaboraram com os militares em diferentes momentos. Tanto o Quartel General do Exército (1968)

como o projeto não realizado de um clube militar (1977) concebido por Niemeyer em Brasília – juntamente com a sede da polícia militar de Lelé em Salvador (1979) – mostram que as partes nem sempre estiveram em pé de guerra. Assim, parece questionável a ideia de que o trabalho de Lelé se destinava a confrontar politicamente o status quo vigente (WILLIAMS, 2009:158), ou que seus projetos evocavam intencionalmente uma certa estética da escassez (PHILIPPOU, 2004:294) como ato de resistência política.

O projeto não executado de Lelé para a sede da polícia militar em Salvador foi realizado por volta de 1979, quando o arquiteto já estava encarregado de desenvolver projetos para a cidade através da fábrica da RENURB. O desenho não datado e inédito apresenta certas semelhanças com algumas das obras anteriores de Lelé em Brasília, tais como a Clínica Daher (1977) ou o Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado (1978). Mais importante aqui, no entanto, é entender o envolvimento do arquiteto com a política e como esta relação afetou sua obra.

5

Figura 2 - Projeto para o Batalhão da Polícia Militar em Salvador.



Fonte: Instituto João Filgueiras Lima (2016)
Perspectiva aérea do conjunto.

Embora tenha sido através da política que Lelé assimilou a produção industrial à sua prática, isto não significa dizer que o arquiteto tenha produzido uma arquitetura

de orientação política. Pelo contrário, Lelé se notabilizou pelo domínio do processo produtivo de uma obra de apurado teor técnico, embora consciente da importância da política como única forma de garantir com que seus projetos públicos fossem produzidos em larga escala. Para ele, economia estava relacionada com a adoção de métodos de construção racionalizados, indissociavelmente atrelados a um menor consumo de materiais, e conseqüentemente a uma redução no peso dos componentes.

Neste sentido, o papel da política na obra de Lelé extrapola a ideia de uma vertente que pudesse orientar seu trabalho em torno da disputa de ideologias opostas (LIMA, 1987:23). Embora o contexto político tenha se mostrado bem mais complexo, com o tempo, a política adquiriu um significado central para o arquiteto, na medida em que determinou a forma como figuras públicas e as suas decisões interferiram nos seus projetos. Não por acaso, a opção de Lelé pela pré-fabricação leve (argamassa armada) coincide com sua adesão incondicional às obras governamentais. A tecnologia, iniciada em Salvador e aperfeiçoada em Abadiânia-GO, pode ser vista como um mediador, negociando interesses pessoais, recursos locais, e conveniência política.

Abadiânia e o Projeto AMA

Em 1982 Lelé embarcou em uma série de reformas destinadas a melhorar os setores da educação, saúde e economia de uma pequena cidade do interior de Goiás chamada Abadiânia. O projeto reuniu uma equipe transdisciplinar com vinte e dois participantes para trabalhar em estreita colaboração com o prefeito recém-eleito Vander Almada, composta por médicos, agrônomos, enfermeiros, laboratoristas, parteiras, odontólogos, bioquímicos, administradores, pedagogas, educadoras e assistentes sociais (Plaza Pinto, 2021), além de Lelé e João Evangelista na infraestrutura.

Ao contrário do que se poderia imaginar, a ida de Lelé para Abadiânia, e conseqüentemente os trabalhos ali realizados (1982-84), não foram conseqüência imediata da saída de Mario Kertész da prefeitura de Salvador no final de 1981. Lelé mantinha laços de longa data com Abadiânia, cidade que ele costumava visitar regularmente. De acordo com o agrônomo João Benko, membro da equipe, “antes de 1982, Abadiânia já era ponto de encontro de Lelé e sua família, sobretudo durante o Natal e Réveillon. Aqui ele ficava sabendo sobre as notícias da Revolução por meio de amigos jornalistas que contavam para ele os acontecimentos de Brasília” (VILELA, 2018:126).

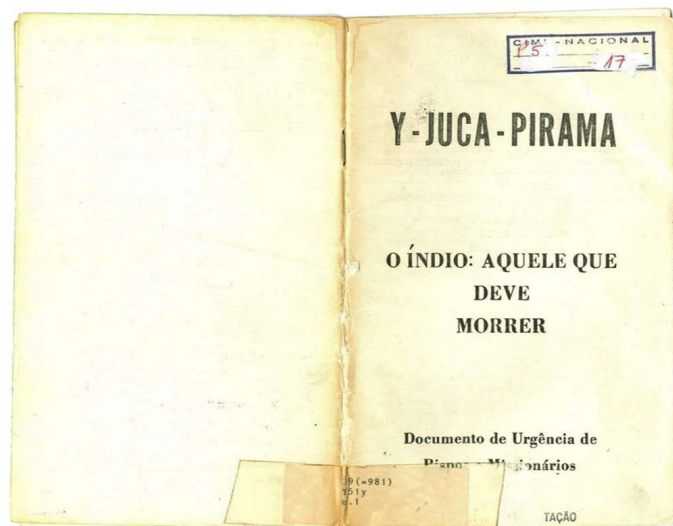
A pequena cidade de Goiás já tinha inscrito o seu nome na história recente da resistência política e social no Brasil, quando em 1973 serviu de palco para assinatura de uma importante carta denunciando a ditadura militar: “Y-Juca-Pirama, o Índio: aquele que deve morrer. Documento de urgência de bispos e missionários.” De certa forma, a carta-manifesto abriu caminho para Abadiânia acolher um grupo de ativistas políticos de esquerda (teólogos, sociólogos, escritores e artistas) – tais como Dom Tomás Balduino, Herbert de Souza (Betinho), e Henrique de Souza Filho (Henfil) – especialmente após a Lei de Anistia de 1979. A revisão das infrações por razões políticas por parte do governo federal levou a uma maior circulação de ideias contra o regime, que encontrou um lugar conveniente e seguro na pequena cidade perto de Brasília.

No centro de tudo isto estava Mateus Rocha, um frei dominicano responsável por reunir em Abadiânia este grupo heterogêneo de profissionais em torno de sua visão de mundo baseada em um cristianismo proativo. Logo após regressar dos seus estudos teológicos na França (anos 1950), Mateus Rocha passou a viver em comunidades paroquiais organizadas em torno da criação de movimentos de jovens cristãos no Brasil, como a Juventude Estudantil Católica (JEC), que promoveu seu primeiro encontro nacional em julho de 1957.

Foi com base nestes movimentos cristãos que Frei Mateus Rocha encorajou a criação do projeto denominado AMA, Ação no Município de Abadiânia, em Emaús,

uma comunidade paroquial na periferia da cidade fundada pelo frei em 1972. O projeto foi concebido para apoiar a população local, tendo realizado obras como postos de saúde primários na zona rural da cidade, escolas pré-fabricadas, uma biblioteca pública e um mercado de rua coberto. Embora Lelé se considerasse ateu, os seus fortes laços com Frei Mateus – que advém da criação da Universidade de Brasília – baseavam-se mais no papel da ética na vida política e social do que nos princípios religiosos.

Figura 3 - Documento de Urgência de Bispos e Missionários Y-Juca-Pirama.



Fonte: Jornal Porantim, Rondônia (2017). <https://issuu.com/porantim>
 Capa do documento que denuncia atos da ditadura militar no Brasil.

Para além dos contextos político, social e econômico que a definiram no início dos anos 1980, Abadiânia também foi fruto de uma utopia coletiva, de sonhos compartilhados e do desejo, real, de se construir ali uma sociedade mais justa e igualitária. Isso explica as circunstâncias que levaram um grupo de jovens profissionais a seguir um frei dominicano e se voluntariarem no interior do Brasil. Também deve ser dito que o projeto AMA não pôde contar com apoio governamental algum e foi praticamente autogerido com fundos locais escassos provenientes da prefeitura municipal. Face às restrições orçamentárias que limitaram a implementação do projeto, é difícil acreditar que Abadiânia tenha se tornado um dos momentos mais importantes da carreira de Lelé e, ao mesmo tempo, uma

fonte de grande frustração para o arquiteto. Quando questionado em 2012 sobre a predisposição política dos governos brasileiros para levar a cabo iniciativas sociais em áreas pobres, Lelé foi enfático:

Então, tudo acaba numa vontade política. Falando nisto, lembro-me da experiência piloto de Abadiânia. Foi a que mais me comoveu profissionalmente, muito mais rica de convivência do que as favelas do Rio de Janeiro ou de Salvador. Convivemos com uma população muito carente, com quem podíamos trabalhar melhor, pois não tinha os vícios das comunidades dos grandes centros urbanos. Abadiânia foi uma experiência importante; ao alcance de qualquer jovem profissional. Acho que eu ainda estaria em Abadiânia se o Brizola não tivesse inventado a fábrica de escolas do Rio de Janeiro (SEGAWA et al., 2012).

9

Hoje, ao visitar Abadiânia, tem-se a impressão de que o grupo de frei Mateus conseguiu produzir algo de valor incomum. Embora a cidade ainda mostre vestígios da sua utopia, é a força mobilizadora que reuniu a comunidade local em torno de um projeto único e conceitualmente promissor que se sobressai. A Ação no Município de Abadiânia falhou no seu principal objetivo de transformar essa experiência original num plano piloto a ser levado a cabo para além das fronteiras de Goiás. Sem dúvida, três aspectos contribuíram para isso: em primeiro lugar, a saída de Lelé de Abadiânia em 1984 para assumir a liderança na Fábrica da Escola no Rio de Janeiro; em segundo lugar, a morte prematura de frei Mateus Rocha num acidente de carro em 1985; e por último, o fracasso da campanha de reeleição do prefeito Vander Almada em 1987.

Mas Abadiânia deve ser vista como um verdadeiro ponto de inflexão na carreira de Lelé. Não apenas porque o sistema pré-fabricado elaborado pelo arquiteto na pequena cidade forneceu a base técnica para a implementação de grandes programas escolares públicos no Brasil durante os próximos dez anos, mas principalmente porque mostra que o compromisso de Lelé com a arquitetura produzida em argamassa armada nasceu originalmente de limitações profissionais e escolhas pessoais.

Limitação aqui refere-se ao ambiente em que Lelé trabalhou, sem apoio financeiro suficiente para implementar cada fase do projeto ou formação adequada para os trabalhadores. A maioria deles nunca tinha ouvido falar em pré-fabricação antes da chegada de Lelé. Esta situação obrigou o arquiteto a pôr suas ideias em prática de forma diferente: em vez de organizar a construção das pequenas escolas, por exemplo, com o auxílio de desenhos técnicos para orientar a execução dos edifícios, Lelé optou por instruir pessoalmente os trabalhadores, mostrando-lhes como as coisas deveriam ser feitas na prática, com apoio de desenhos mais didáticos e intuitivos. E quanto às escolhas pessoais, trata-se da decisão de Lelé de trabalhar permanentemente como arquiteto do setor público. Esta decisão foi tomada pouco antes de Abadiânia (1980), quando o escritório do arquiteto em Brasília ainda se recuperava dos prejuízos financeiros recentes e das despesas de manutenção do negócio. De acordo com Haroldo Pinheiro:

Aquele foi um momento chave na carreira do Lelé. Ele podia optar por ter um super escritório, pegar um projeto internacional como o da IBM, ou então se manter nessa vertente dos projetos de cunho social, mais ligados ao governo, mesmo com todas as dificuldades que às vezes esse tipo de trabalho traz, como a questão de pagamentos etc. E ele francamente optou por esse segundo caminho. Foi uma decisão consciente. Ele não foi levado a isso. Ele decidiu (VILELA, 2018).

O fato de Lelé ter ido sozinho para Abadiânia – sem a equipe de arquitetos que o auxiliou em Salvador ou Brasília – contribui para este ponto de vista. O seu isolamento profissional na pequena cidade aliado à falta de mão-de-obra qualificada local favoreceu o desenvolvimento de um novo sistema de construção pré-fabricada. E aos poucos esta decisão se consolidará e se transformará na tônica de seu trabalho, voltado essencialmente para o setor público, aliando uma prática mais engajada socialmente com um maior nível de autonomia no sentido técnico. Trabalhar para o governo lhe daria a liberdade de desenvolver suas criações de forma independente, sem as restrições impostas pelo mercado. Assim, pode-se dizer que Abadiânia, nesta conjuntura, representou a convergência entre o desejo e a realização de práticas anteriores: Lelé utilizou a experiência técnica com a argamassa armada adquirida nas obras de saneamento de Salvador e

conseguiu colocá-la em prática em Goiás, através do projeto experimental para as escolas transitórias.

Dois projetos, um contexto e muito esforço coletivo

Dentre os membros do Projeto AMA (Ação no Município de Abadiânia), o casal de médicos Gil Santini Pinto (1941-2021) e Albineiar Plaza Pinto, juntamente com Divina Benko, pedagoga, e seu marido, o agrônomo João Benko (1947-2020), parecem ter vivenciado a experiência de Abadiânia para além do projeto comunitário de frei Mateus. A proximidade dos dois casais com Lelé ensejou o desenvolvimento e a construção de dois projetos do arquiteto para a pequena cidade goiana – uma residência e um viveiro de plantas – que corroboram com a tese de que Abadiânia não foi apenas um local escolhido para erguer meia dúzia de edificações, mas um verdadeiro canteiro experimental onde, através de um trabalho simples, coletivo, em escala menor, mais artesanal e menos mecanizado, as relações de produção no canteiro se alteraram em prol de uma arquitetura participativa e emancipatória.

Os efeitos desta colaboração ativa em todas as etapas do processo produtivo em Abadiânia não apenas aproximam Lelé da teoria crítica de Sérgio Ferro e do grupo Arquitetura Nova, (ARANTES, 2002; KOURY, 2003) mas reforçam a visão de autonomia do canteiro ao valorizar o trabalho em grupo, os conhecimentos locais, e a elaboração de desenhos integrados ao contexto de produção e de seus produtores.

O caso das Escolas Rurais Transitórias ganhou mais visibilidade em razão de sua proposta, que previa construção em larga escala, mas também da cartilha publicada por Lelé (LIMA, 1984) na qual o arquiteto explica por meio de desenhos acessíveis os métodos e procedimentos adotados em Abadiânia. É possível perceber que todo o processo esteve mais ligado à preocupação de uma orientação, simples e didática, dos esquemas de montagem das peças pré-fabricadas do que a apresentação de desenhos técnico arquitetônico abstratos, de difícil compreensão à mão-de-obra não especializada.

Nesta cartilha, plantas e cortes são utilizados mais a título de registro do que documentação para fins construtivos. Em geral, os desenhos ilustram a partir de limpas e intuitivas perspectivas o passo a passo da conjugação dos componentes pré-fabricados. A execução das formas metálicas (a cargo de Mariano Delgado Casañas e da empresa brasileira Irmãos Gravia Ltda.) e seus respectivos desenhos não foram incluídos no documento final pela complexidade e por contrastar com os esquemas de montagem apresentados da escola em argamassa armada. Estas formas de precisão milimétrica contavam com processo de produção metalúrgico especializado e distante, técnico e geograficamente, do sítio de montagem do protótipo escolar em Abadiânia e de uma unidade construída pelo então mestre de obras João Evangelista na zona rural da cidade de Goiás, logo após a ida de Lelé para o Rio de Janeiro.

Todas essas obras foram montadas com as mesmas formas empregadas na Escola Transitória. Esta ensaiada antes em um protótipo em madeira – atualmente desmontado – com as mesmas dimensões, para avaliar custos e promover comparações técnicas com a edificada em argamassa armada. Foi a primeira escola no Brasil que utilizou a técnica, fabricada e montada em quarenta e cinco dias, inaugurada no dia 13 de maio de 1984 (OLIVEIRA, 1985:46).

Figura 4 - Escola Transitória de Abadiânia.



Fonte: Eurípedes Neto (2020)
Protótipo da Escola Transitória em argamassa armada na zona rural de Abadiânia.

Figura 5 - Escola Transitória da cidade de Goiás.

Fonte: Maura Santos (2017)

Unidade da Escola Transitória em argamassa armada na zona rural da cidade de Goiás.

13

Transitória, assim pensada para não ser abandonada. Edifício resguardado das permanentes intermitências e incoerências dos governos, que poderia ser desmontando e transportado a outra região, atendendo a diferentes demandas. Completamente expansível, permitia ter ampliados em dimensões e números todos os ambientes do programa de necessidades. Autorizava ainda o anexo de postos de saúde, centros comunitários e outros equipamentos urbanos.

Quando implantada em terreno urbano, as mesmas peças utilizadas para vedação, fariam o papel de muro protetor. Propunha a universalização dos processos, não dos espaços. Infelizmente a ideia não resistiu. A transitoriedade não foi, por opção, praticada. Hoje subutilizada, sem sua finalidade original resgatada, segue sofrendo com a falta de cuidados necessária à sua permanência.

Outros exemplares também se utilizam do mesmo didatismo construtivo, apesar de não se restringirem aos elementos pré-moldados em argamassa armada. Tanto a casa como o antigo viveiro de plantas conservam suas características arquitetônicas essenciais, e compartilham entre si uma lógica construtiva semelhante, baseada no uso extensivo do tijolo cerâmico, telhado com estrutura de madeira e telhas de fibrocimento. O viveiro foi construído para o casal Divina e

João Benko às margens da BR-060 e hoje abriga o Jerivá, um famoso restaurante de comidas típicas da região.

Figura 6 - Restaurante Jerivá em Abadiânia.



Fonte: Adalberto Vilela (2016)
Antigo viveiro de plantas do casal Divina e João Benko em Abadiânia.

Divina Maria de Souza Benko atuou na educação municipal, integrando ensino e saúde, criando com isso o curso de magistério, a prática da odontologia escolar e o laboratório clínico, no qual integravam-se os setores educação e saúde. João Benko, além de presidente da AFM – Associação Frei Mateus Rocha –, era responsável pela otimização da produção dos pequenos proprietários rurais (PLAZA PINTO, 2021).

Distribuído em um terreno com pequeno desnível (1,20 m), o antigo viveiro foi acomodado entre três platôs bem delimitados, seguindo uma rígida malha estrutural (3,60 x 4,45m) de pilares robustos em tijolo maciço, em torno dos quais se organizam as funções principais: o acesso coberto, os salões de exposição e venda de artesanato e frutas com a lanchonete para sucos no meio, sanitários e depósito ao fundo, e o viveiro de plantas em torno da área de artesanato.

Figura 7 - Projeto para um viveiro de plantas em Abadiânia.



Fonte: Instituto João Filgueiras Lima (2016)
 Perspectiva interna da área de artesanato do viveiro de plantas.

15

O destaque construtivo fica para o uso extensivo de mãos francesas de madeira encaixadas nos pilares de tijolos como parte da solução de cobertura (cuja seção transversal contínua do projeto original deu lugar a planos com inclinações distintas na obra construída). Desde o começo dos anos 1970, o tijolo cerâmico vinha ocupando um papel de grande destaque na obra construída de Lelé, sobretudo a residencial. É neste período que o arquiteto passa a combinar duas linguagens distintas na sua produção:

A primeira corresponde a uma arquitetura que se caracteriza pela robustez e apelo das estruturas de concreto, por espaços e escalas monumentais; enquanto a segunda linha reflete preocupações de um arquiteto mais atento ao custo das soluções técnicas adotadas, às possibilidades estruturais mais modestas dos materiais empregados — sobretudo o tijolo cerâmico — e a uma linguagem, digamos, mais doméstica do programa residencial, e menos “institucionalizada,” típica da primeira vertente (VILELA, 2022).

Esta dicotomia presente na obra de Lelé nos anos 1970 – ilustrada, por exemplo, em projetos como a Residência para Ministro de Estado, em Brasília, de 1970 e a

casa de Mario Kertész em Salvador, de 1977 – vai se dissipar nos anos 1980, em prol de uma arquitetura mais unissonante, menos díspar, econômica e à imagem do compromisso político e social assumido pelo arquiteto. Estas são características também presentes na Residência dos médicos Albineiar e Gil Santini, responsáveis pela administração do programa de cuidados primários de saúde (PLAZA PINTO, 2021).

O casal finalizou o curso de medicina na antiga Universidade Estadual da Guanabara, no Rio de Janeiro, e desde cedo envolveu-se com questões que aliavam medicina ao amparo social. Gil especializou-se em Saúde Pública e Albineiar em Ginecologia, Obstetrícia, Saúde Materno Infantil e Epidemiologia. Cursos de profundo viés social e de impacto imediato junto às comunidades onde desenvolveriam suas atividades.

Durante a década de 1960, em Parintins-AM, os dois entraram em contato com a metodologia de trabalho das Unidades Mistas, da então Fundação Serviços de Saúde Pública. A experiência colocou-os em contato com a intrínseca relação da saúde com questões urbanas. Matérias como a importância do esgotamento sanitário, do manejo de resíduos, das condições de habitação e de saneamento rural, que não eram ainda abordadas dentro da Universidade.

Após esta experiência em campo, mudaram-se para Anchieta-ES, onde junto ao Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo organizam o Centro Comunitário de Saúde de Anchieta. De lá voltam ao Rio de Janeiro em 1974 para especializações. Dessa última formação, transferiram-se para Ceres-GO, onde trabalharam durante oito anos comprometidos com o serviço da Diocese de Goiás, em cooperação com Dom Tomás Balduino (1922-2014) – notório ativista acerca das questões agrárias e indígenas. Por lá, participaram, em 1980, da fundação do Partido dos Trabalhadores (PLAZA PINTO, 2021).

Em Abadiânia, instalaram-se em 1983, o casal, mais três filhos e duas filhas, inicialmente hospedados por Frei Mateus. É neste momento que surge o projeto da residência. Trata-se de um exercício de retorno à essencialidade, tanto dos

recursos formais quanto materiais. Os elementos construtivos empregados na obra foram os mais simples e econômicos até então disponíveis. A estrutura, em madeira, de fácil aquisição e manuseio, foi instalada sobre pequenas sapatas de concreto. Foram os primeiros elementos edificados.

Figura 8 - Residência Gil Santini Pinto e Albineiar Plaza Pinto.



Fonte: Eurípedes Neto (2021)
Parte da fachada frontal da residência.

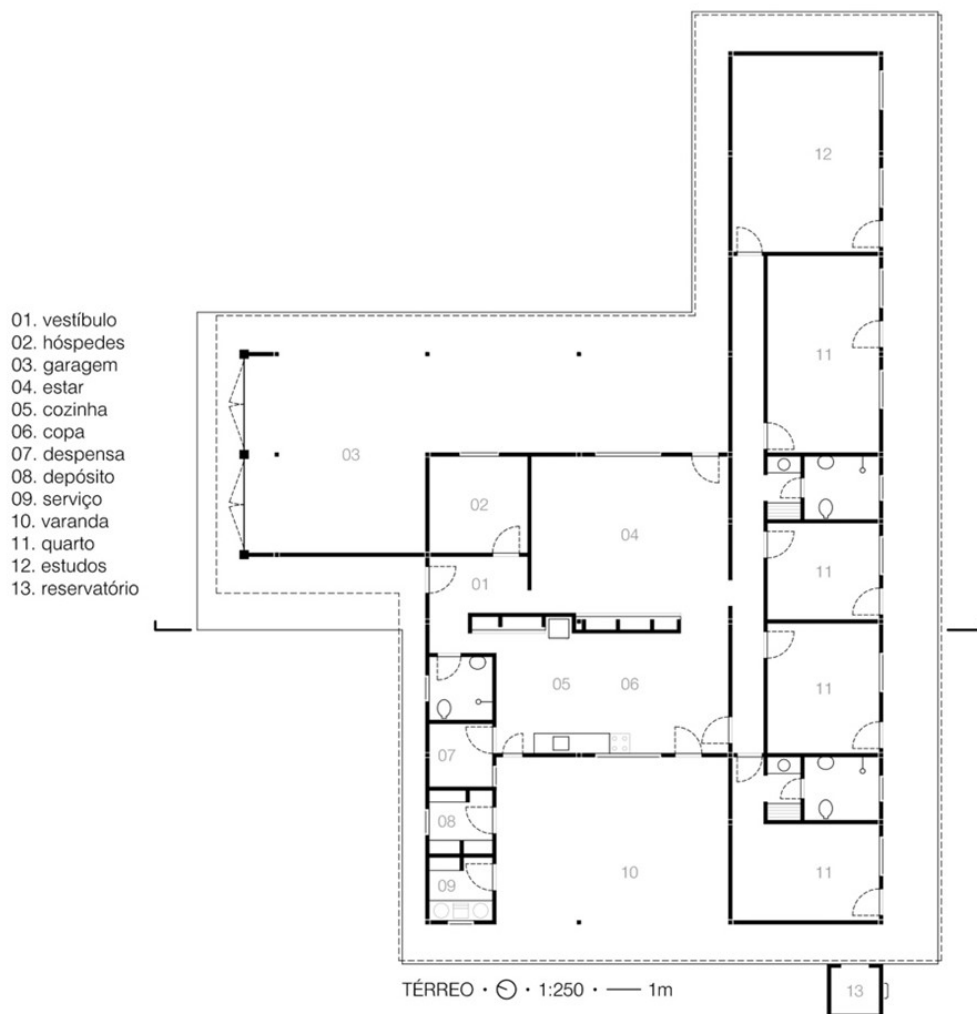
Receberam as telhas de fibrocimento, que permaneceram até hoje um dos materiais mais abundantes da construção civil brasileira em razão de seu baixo custo. A cobertura protegeu o trabalho de preparação do terreno natural, apenas compactado e coberto por uma camada de areia sobre a qual se instalaram placas pré-moldadas de argamassa armada. Como afirmava o autor, o piso flutuava na areia tal qual o navio no mar (PLAZA PINTO, 2021).

A areia estancada, ao substituir o contrapiso, permite a distribuição uniforme das cargas do piso. Sobre as placas, erguem-se paredes de tijolo cozido sem revestimento. O material é abundante em Abadiânia, reconhecida por suas olarias e cerâmicas que abasteceram a construção de Brasília (PEREIRA; TREVISAN, 2019:123). Curiosamente, a construção da residência Albineiar e Gil Santini em Abadiânia

seguiu a mesma ordem das etapas construtivas dos exemplares tradicionais da arquitetura goiana do século XVIII, que empregava o frontal de madeira (SILVA NETO, 2022).

O pé-direito generoso e a ventilação cruzada permanente, que acontece entre as paredes e a cobertura, minimizam a transmissão de calor pela longa exposição das telhas ao sol. A redução da temperatura nos ambientes internos da casa se deve ao uso extensivo do tijolo cerâmico nas paredes, que oferece adequada inércia térmica, e aos grandes beirais que livram as fachadas da incidência solar direta.

.Figura 9 - Residência Gil Santini Pinto e Albineiar Plaza Pinto.



Fonte: Eurípedes Neto (2021)
 Planta baixa da residência Gil Santini Pinto e Albineiar Plaza Pinto.

Proprietários e amigos que ajudaram a construir a casa se apoiaram em um método construtivo simples e intuitivo. A obra é um exemplo de moradia digna, produzida a duras penas, espaçosa e adaptada ao seu meio e usuários. A simplicidade formal da casa revela um belo exemplo de arquitetura que se vincula antes ao espírito iluminado do trabalho coletivo que a materiais reluzentes.

Considerações finais

A atuação de Lelé em Abadiânia é ponto de inflexão em sua carreira, delimitada entre as atividades de Salvador junto à RENURB de Mario Kertész e a Fábrica de Escola, no Rio de Janeiro, acampada sob o governo de Leonel Brizola. A experiência em Goiás poderia ter representado um caminho particular e mais expressivo dentro de sua produção, do qual se ressentiu não ter continuado:

Eu tenho, até hoje, uma frustração enorme de ter abandonado aquele projeto. [...] Eu acho que havia toda uma oportunidade que se perdeu de levar aquilo tudo pra frente. Aquilo poderia ter se multiplicado e acabou com a minha saída. Não houve um tempo suficiente para aquela experiência frutificar (VILELA, 2011:62).

Porém não o foi, e pouco restou de documentação física desta experiência. As obras aqui abordadas guardam, além do repertório técnico e formal, a ação pessoal de Lelé perante diferentes clientes e programas. Ilustram uma abordagem estruturada a partir da manipulação de recursos mínimos, sem apologia à pobreza, mas transformando escassez em oportunidade de atuação e conferindo unidade a esta produção.

A volta ao artesanal, à escala da manufatura serial, que resolve quase toda obra no próprio canteiro (FERRO, 2002:23), ao processo mais didático e tanto distante dos signos abstratos das representações gráficas convencionais, não deixa de remeter à arquitetura produzida em Goiás durante os séculos XVIII e XIX. O método mais empregado, o frontal de madeira, torna-se especificamente mais legível.

Esta uma estrutura de madeira autoportante e completamente independente dos outros elementos da obra. Abarca todo o perímetro do edifício e é usualmente preenchido com barro (SILVA NETO, 2022:15). E assim como na Residência Albineiar e Gil Santini, é o primeiro elemento a ser edificado, depois coberto para proteger das águas tanto o piso quanto a frágil alvenaria de barro cru.

Lelé, que desde as obras do início de Brasília alternava a construção das lajes dos edifícios de Superquadra para proteger os operários durante a estação das chuvas, reproduz, em Abadiânia, sua abordagem tal qual uma resposta intuitiva de construtores atentos às condicionantes locais. Não se limita, portanto, aos fatores climáticos, econômicos ou ambientais, mas os utiliza como instrumento para compreender a situação social, a disponibilidade de recursos disponíveis e até a relação com a mão de obra, ainda escassa e sem qualificação.

Em Goiás Lelé se afasta das experimentações técnicas típicas do século XX e se aproxima mais do saber fazer oitocentista. Transmite o conhecimento da argamassa armada como quem ensina os métodos de construção vernacular, trazendo para si as mãos e olhos atentos dos próximos construtores incumbidos de continuar seu trabalho. De certa forma, foi bem-sucedido. Embora politicamente o projeto de Abadiânia tenha fracassado em Goiás, ele se desenvolveu em outros estados, em novas escalas, para novos usos. Conseguiu atender milhares de crianças, sobretudo as mais desamparadas pelo Estado, e não se eximiu das responsabilidades técnicas, das revisões necessárias, da reformulação dos componentes até ser interrompido por uma causa justa: um novo ciclo precisava começar. E nesta transição, iniciada em Abadiânia, Lelé atuou como o professor descrito nos versos de Cora Coralina:

A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.
Caminhos certos e errados, encontros e desencontros do começo ao fim.
O melhor professor nem sempre é o de mais saber,
é sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir [...].
Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina (1983)

Referências

ARANTES, P. F. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CORALINA, Cora. Exaltação de Aninha (O Professor). In: **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**, Ed. Global Gaia, 2007, 9ª ed., São Paulo.

FERRO, S. Conversa com Sergio Ferro. Mais uma peça na construção de um debate. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, n. 12, p. 10–31, 2002.

KOURY, A. P. **Grupo Arquitetura Nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro**. São Paulo: Romano Guerra; EdUSP; FAPESP, 2003.

LIMA, J. F. **Escola transitória**. Brasília: MEC/ CEDATE, 1984.

_____. A serviço do bem e do mal [entrevista a Bené Simões]. **Arquitetura e Urbanismo**, v. 3, n. 11, p. 18–24, 1987.

_____. **O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lele (João Filgueiras Lima); em depoimento a Cynara Menezes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. **Depoimento a Ana Gabriella Lima Guimarães**. Salvador, 20 fev. 2001. In: GUIMARÃES, Ana Gabriella Lima. João Filgueiras Lima: o último dos modernistas. Dissertação de mestrado. São Carlos, EESC USP, 2003, p.55.

MARKUN, P. **Os arquitetos e a ditadura**. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/os-arquitetos-e-a-ditadura/>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

OLIVEIRA, Maria das Mercêdes Brandão de. **Abadiânia - Tecnologia da argamassa armada aplicada em construções rurais: Escola Transitória Rural**. Goiânia, 1985. NDD-UCG, Trabalho 360, Caixa Arquivo 40.

PEREIRA, P. H. M.; TREVISAN, R. **Alexânia e Abadiânia, duas Cidades Novas para Brasília**. In: Revista NÓS, v.04, n.01, p.99–125. Anápolis, 2019.

PHILIPPOU, S. The primitive as an instrument of subversion in twentieth-century Brazilian cultural practice. **Arq: Architectural Research Quarterly**, v. 8, n. 3–4, p. 285–298, 2004.

PLAZA PINTO, A. **Entrevista com a Sra. Albineiar Plaza Pinto, primeira proprietária**. Brasília/DF, 24 de fevereiro de 2021. Concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

SANZ, B.; MENDONÇA, H. O lado obscuro do 'milagre econômico' da ditadura: o boom da desigualdade. **El País**, 28 nov. 2017.

SEGAWA, H. et al. **João Filgueiras Lima, o Lelé**. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/entrevistajoaofilgueiras/>>. Acesso em: 17 maio. 2017.

SILVA NETO, E. A. **Panorama da Arquitetura em Goiás: Séculos XVIII, XIX e XX**. Brasília, 2022. Tese-FAU, UnB.

VILELA, Adalberto. **Architecture without Applause: The Manufactured Work of João Filgueiras Lima, Lelé**. Zurich, 2018. Thesis-Architecture, ETH Zurich.

_____. A arquitetura residencial de Lelé. Uma revisão necessária. **Arquitextos**, v. 22, n. 263.00, abr. 2022.

_____. **A casa na obra de João Filgueiras Lima, Lelé**. Brasília, 2011. Dissertação-FAU, UnB.

WILLIAMS, R. **Brazil**. London: Reaktion, 2009.

22

NOTA

Este artigo foi desenvolvido a partir dos resultados obtidos nas teses de doutorado dos autores (VILELA, 2018) (SILVA NETO, 2022).

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 15/06/2022

APROVADO EM: 17/06/2022

PUBLICADO EM: 14/12/2022